



TRABALHO CRIATIVO E ÉTICA: O INÍCIO DA NOVA HISTÓRIA

*Geni Dornelles Valenti
**Regina Schiavine da Silva

Na sociedade tecnologicamente avançada, o emprego existe para proporcionar o autodesenvolvimento do homem e inclui relacionamentos de qualidade, com resultados sociais significativos.

In the advanced technologically society, work makes possible the man self-development and includes relationships of quality, with significative social results.

PALAVRAS CHAVE:

Trabalho, conceito de trabalho, novo paradigma do trabalho, criatividade no trabalho, ética no trabalho.

KEY WORDS:

Work, work concept, new paradigm of work, creativity in work, ethics in work.



*Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS e Doutoranda na EAESP/FGV.

**Técnica Sênior do Instituto Jones dos Santos Neves (ES) e Mestranda na EAESP/FGV.

Falta menos que uma década para a virada do século. Vários fatos importantes têm surpreendido o mundo nesses últimos tempos e um exemplo de grande impacto foi a derrocada dos países socialistas. Tais mudanças levaram ao questionamento do final da história, ou mesmo, à identificação de uma crise generalizada responsável por um colapso da modernidade.

Sob uma nova base de análise da sociedade, que não mais contrapõe modelos abstratos, como capitalista *versus* socialista ou concorrencial *versus* estatista, Kurz¹ caracteriza essa crise, concebendo a história do sistema mundial de produção de mercadorias como algo em movimento e no plano global. Nessa perspectiva, torna-se possível identificar o eixo de deslocamento da crise, que surge da periferia para o centro. Ou seja, teve início nos países do Terceiro Mundo, passou pelo bloco socialista e já atinge os países ricos. Essa é uma situação nova, segundo o autor, porque determina o limite do sistema capitalista. Nesse ponto, o capital começou a perder a faculdade de explorar o trabalho, pois os aumentos sucessivos de produtividade representavam dispensas de trabalhadores em números absolutos.

A par disso, as expectativas com relação ao valor do trabalho se elevaram, criando a necessidade de uma nova visão do homem. O conceito de trabalho se distende, vai além do trabalho remunerado e, portanto, independe de qualquer explicação originária das ciências econômicas. Nem tanto da ortodoxia que propõe um renovado pleno emprego, nem tanto da perspectiva realista², que apresenta um dualismo natural entre economia formal e informal, entre emprego e desemprego. A degradação do trabalho sob o capitalismo controlado e a moderna tecnologia levaram à reivindicação de um trabalho que tenha significado, onde o indivíduo possa sentir que faz parte de algo digno, de mérito, que lhe permita usar seu instinto artesanal³.

Não se trata apenas de mais uma nova proposta para o futuro, mas de uma mudança para um novo paradigma, pois, se não é possível eliminar os efeitos negativos provenientes da crise do sistema em vigor, também não se eliminam expectativas de mudanças. O novo paradigma tende a superar essas dificuldades, procuran-

do entender a sociedade nesse plano abrangente, pois iniciativas isoladas não resultaram no equacionamento das grandes questões sociais.

A participação conjunta levará o ser humano a assumir uma posição mais firme e consciente no círculo dos debates; o desencadeamento desse processo dependerá de certas condições, tais como tempo para admitir sua importância e irreversibilidade, autonomia, livre vontade e empreendimento.

No panorama internacional, podemos observar, de certa forma, iniciativas nesse sentido: a competição devastadora vem cedendo lugar a novas preocupações, sobretudo com ênfase na união de esforços e interesses. Em nível de Estado, a decadência intervencionista vem sendo superada e este passa, de forma gradual, a exercer um papel mais independente, assimilando e debatendo novas propostas para reduzir sua participação no setor econômico. Simultaneamente, o neoliberalismo torna-se objeto de crítica e é submetido a questionamentos bem-fundamentados e próximos da realidade. As trocas compensatórias (*trade-off*) vêm sendo revistas em suas bipolarizações, para evocar, além da liberdade ambígua e da igualdade inconsistente, mais fraternidade. É o entendimento de que o direito da livre iniciativa à moderna empresa, que é o principal empreendedor, pode ser associado às liberdades individuais.

Com todas essas transformações — quando o trabalhador enfrenta o desemprego e possui condições precárias de educação e saúde —, além da perspectiva de uma nova era, nada mais natural que o surgimento de um novo discurso, cujo componente deontológico leva a preocupações de caráter ético-antropológico.

Na crise do mundo do trabalho, aparece uma lacuna nas análises e interpretações, no que se refere ao ser humano e suas potencialidades. Esse lugar deverá ser ocupado por um novo homem, mais consciente e autônomo.

Para tanto, haverá uma revisão de valores e a formação da consciência do “dever ser”. Assim, entraremos no domínio da ética, onde se admite que está no ser humano a potência que irá transformá-lo. Então, nessa linha de raciocínio, coincidentemen-

1. KURZ, Robert. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

2. OFFE, Claus. *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho*. V. II, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

3. MACPHERSON, C.B. *Ascensão e queda da justiça econômica e outros ensaios: o papel do Estado, das classes e da propriedade na democracia do século XX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

te, estaremos sendo marxistas. Devemos admitir que a meta de Marx mantém sua validade e atualidade desde a Ilustração. Isso porque a emancipação espiritual do homem, sua libertação dos grilhões do determinismo econômico, e a harmonia com seus semelhantes e com a natureza⁴, transparecem na sociedade pós-moderna, através dos ideais de qualidade, da maior participação dos indivíduos nas decisões e do equilíbrio ecológico.

A eleição de propósitos qualitativos sugere uma nova forma de entendimento, requer uma linguagem mais consciente das verdadeiras necessidades humanas, que expresse a possibilidade de o homem abandonar seu papel passivo e fazer as circuns-

Na crise do mundo do trabalho, aparece uma lacuna nas análises e interpretações, no que se refere ao ser humano e suas potencialidades. Esse lugar terá que ser ocupado por um novo homem, mais consciente e autônomo.

tâncias. E o motor desse processo de ruptura não mais se denomina força, mas, sim, criatividade.

A criatividade aflora através da livre e espontânea manifestação da natureza humana modificada, conceito também resgatado da terminologia do “velho” Marx.

Será, portanto, por intermédio do trabalho criativo e ético — na práxis — que o homem poderá concretizar sua realização e fazer sua própria história, porque esta não é, senão, o produto do trabalho humano em todas as suas dimensões, o que significa dizer: é a auto-realização emancipatória do homem.

As mudanças tecnológicas têm fundamentado as discussões sobre o papel do trabalho na vida do indivíduo e na sociedade. Isso leva a reformulações nas relações

capital-trabalho, permitindo outras formas de arranjos possíveis. De outra parte também, reflexões encaminhadas por autores marxistas sobre a monetarização dos valores humanos fortalecem o debate relativo ao trabalho enquanto meio de realização humana, isto é, discute-se a necessidade de se privilegiar seu aspecto subjetivo, visando à superação dos níveis de alienação e insatisfação que o mesmo acarreta na vida do homem.

O conjunto dessas preocupações levam não apenas os seguidores de Marx, mas autores de diferentes tendências a afirmar que estamos diante de uma superação do paradigma industrial⁵. Os conceitos contemporâneos sobre negócios e trabalho, sobre a teoria do emprego e do bem-estar, bem como as formas de análises de liberais e marxistas, têm por base uma sociedade cujo objetivo principal é a produção. É justamente esse conceito central que se tornou obsoleto.

Está em crise essa sociedade centrada no mercado, ou seja, na lógica economicista de produção-consumo de massa, que promove a inversão de elementos subjetivos da vida humana. Nela, o conceito de felicidade muda, pois esta passa a ser buscada via “próteses de felicidade”⁶, através de necessidades fabricadas e do consumo de determinados bens com valores simbólicos, atribuídos dentro de uma lógica instrumental.

Do paradigma industrial⁷ temos:

o método científico como forma suprema de pesquisa. A busca do conhecimento científico passou a ser predominantemente utilitária;

progresso material ilimitado como meta inerente. Fato que leva a crer num controle crescente do homem sobre a natureza e em sua ilimitada habilidade de compreender o universo a partir das informações provenientes dos sentidos físicos;

a industrialização da produção de bens e serviços, obtida através da subdivisão do trabalho em fragmentos cada vez menores e menos significativos e através da substituição do trabalho humano por máquinas. A industrialização tem por objetivo aumentar a riqueza e a produtividade do trabalho, o que supostamente

4. FROMM, Erich. *Conceito marxista de homem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

5. HARMAN, Willis, HORMANN, John. *O trabalho criativo: o papel construtivo dos negócios numa sociedade em transformação*. São Paulo: Cultrix, 1990.

6. LIPIETZ, Alain. *Audácia: uma alternativa para o século XXI*. São Paulo: Nobel, 1991.

7. HARMAN, Willis, HORMANN, John. Op. cit.

elevaria o padrão de vida material de todos;

- predominam os valores pragmáticos, segundo os quais os indivíduos estão livres para ir em busca dos seus próprios interesses no mercado.

A lógica de produção economicista é uma prática comum tanto na sociedade capitalista quanto na comunista. A industrialização soviética adaptou o modelo de produção capitalista e até mesmo as formas de organização do trabalho nas atividades industriais. Assim, os trabalhadores soviéticos carregam todos os estigmas das classes trabalhadoras ocidentais⁸. Nesse sentido, as questões e problemas inerentes ao trabalho guardam semelhanças nas duas sociedades, apesar das diferenças com relação a objetivos sociais expressos. De qualquer forma, a lógica econômica acaba sendo a referência para se atingir alvos tão diferenciados.

Crise do paradigma industrial/econômico

Os conceitos de trabalho vigentes foram formulados numa época em que a sua função primária era produzir os bens e serviços necessários ou desejados e se acreditava na possibilidade de o capitalismo superar as desigualdades sociais e a segregação no tocante ao acesso aos benefícios dessa modernidade. Naquele tempo, ainda não eram visualizados e explicitados os limites a esse modo de crescimento, fortemente concentrador de benefícios e privilégios e também destruidor da natureza.

Nesse contexto histórico, são discutidas a excessiva fragmentação do trabalho no processo produtivo, as conseqüências de sua limitação em termos de significação e também a impossibilidade de engajamento do homem. Por isso, Friedmann⁹ afirma que "os homens são maiores que suas tarefas", pois, no mundo do trabalho, as tarefas, além de repetidas, sofreram excessivo parcelamento. Isso ocorreu tanto nas oficinas, nas minas e nas construções quanto nos escritórios, nos serviços de venda e de distribuição.

Locais de trabalho onde se encontram excluídas a variedade, a iniciativa, a responsabilidade, a participação conjunta e mesmo a significação tornam-se ambien-

tes destituídos de possibilidades de o trabalhador encontrar um interesse renovado e com menor probabilidade de ter satisfação e qualidade de vida.

Em meio a essas constatações, ressurgiu a contribuição de Freud sobre o conceito de trabalho equilibrante, que transpõe para o interior do sistema — reduzindo ao quadro do indivíduo — o papel fundamental do trabalho para a espécie humana. Se o trabalho é capaz de desempenhar, na vida de muitos homens, o papel tão importante que lhe atribui Freud é porque constitui uma atividade essencialmente humana, criadora, aquela mesma que distingue o homem, *homo faber*, no conjunto das espécies animais e o eleva acima delas.

A extraordinária importância do papel que o trabalho desempenha na vida do indivíduo pode ser confirmada empiricamente, mediante a observação do comportamento daquele que dele está privado: o desempregado.

A crise atual leva à revisão desses referenciais, no interior da sociedade que

Locais de trabalho onde se encontram excluídas a variedade, a iniciativa, a responsabilidade, a participação conjunta, e mesmo a própria significação, tornam-se ambientes destituídos de possibilidades de o trabalhador encontrar um interesse renovado e com menor probabilidade de ter satisfação e qualidade de vida.

acreditava na manutenção do pleno emprego, via aumento da produção, produtividade, salários e o conseqüente aumento do consumo.

À medida que essa via fica bloqueada, por razões ambientais, ou mesmo econômicas, surgem os limites ao crescimento econômico; o desemprego crônico torna-

8. BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.347-58.

9. FRIEDMANN, Georges. *O trabalho em migalhas*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

se uma característica intrínseca do futuro.

As saídas encontradas por muitos países para contornar essa tendência, que se considera inexorável, têm sido tanto a revisão do índice de pleno emprego como também a criação de trabalho fictício, que leva a um problema moral. Nessas circunstâncias, o indivíduo passa a, explicitamente, saber-se desnecessário, gerando crises de valores e do referencial do trabalho, enquanto necessidade humana.

Em outra perspectiva, o mesmo ocorre com o subemprego, isto é, o indivíduo fica aquém de sua capacidade realizativa, onde a condição de subempregado não tem tanta relação com o trabalho que está sendo feito, mas sim, com o motivo pelo qual a pessoa percebe o que faz.

Nos países avançados, o alto nível de educação do povo é desproporcional às oportunidades de emprego e não assegura um trabalho capaz de proporcionar desafios e oportunidades de atuação criativa ou de auto-expressão. Essa realidade se apresenta de forma diametralmente oposta nos países subdesenvolvidos, onde a falta de adaptação cultural à vida industrial urbana — que acarreta uma ruptura nos símbolos e significados das tarefas antes executadas no meio rural — e o baixo nível educacional reduzem as oportunidades de emprego em ocupações mais estimulantes e compensatórias.

Que papel representa esse estado de coisas na atual crise do homem e da civilização? Que perspectivas deixa entrever para o futuro?

As alternativas que objetivam a superação dos limites ao crescimento econômico, representados pelo desemprego e subemprego, encontram pouca ressonância na-

A mudança do paradigma industrial que rege a vida em sociedade se impõe como uma necessidade maior, repensando a ética nas relações entre os homens e o valor do trabalho nesse contexto.

queles que defendem o aumento de consumo via criação de necessidades e conseqüente aumento de produção e consumo, saída apresentada à crise de 1929, quando se acionaram mecanismos anticíclicos. Atualmente, tendo em vista a especificidade e a abrangência dessa crise, tais soluções tornam-se inadequadas.

Do ponto de vista do trabalho, essas alternativas não consideram a condição humana, o que conduz à necessidade de revisão da natureza do trabalho.

A questão do subemprego se apresenta como um paradoxo, onde os êxitos da sociedade moderna, em termos do grau e da diversidade das capacidades desenvolvidas por seus cidadãos, passam a ser um problema, tendo em conta as dificuldades que as pessoas enfrentam para encontrar nichos na economia oficial onde possam manifestar ao máximo suas capacidades e realizar um trabalho criativo.

A mudança do paradigma industrial que rege a vida em sociedade se impõe como uma necessidade maior, repensando a ética nas relações entre os homens e o valor do trabalho nesse contexto.

Como conseqüência natural, torna-se imperativa, também, uma redefinição da ciência, na concepção de realidade, que absorva essas transformações emergentes da sociedade, visando a uma nova epistemologia e rompendo com a maneira sistematizada de pensar dessa postura tradicional economicista.

Significado do trabalho e trabalho criativo

Os problemas associados ao trabalho e ao seu significado envolvem muito mais do que as preocupações a respeito do desemprego e do subemprego, entendidos como trabalho não-significativo. O dilema em torno do trabalho e seu sentido está diretamente ligado a problemas sociais globais.

Um dos pontos críticos do paradigma industrial foi a transformação substancial nos padrões de trabalho: enormes contingentes de trabalhadores migraram para as atividades industriais, seja pela mecanização da agricultura, seja pelo aumento das atividades industriais e de serviços.

Nessa transmutação, o trabalho fica despedido de seu significado subjetivo. O pro-

duto deixa de ser um espelho do homem, o fruto de sua realização, de sua capacidade emancipatória e de sua habilidade na manipulação da matéria. A mecanização do trabalho artesanal operou fortes rupturas no modo de produção e nas formas de relações sociais, acarretando um distanciamento entre o homem e o trabalho.

A necessidade constante de aumento de produtividade foi encaminhada, tanto através de novas formas de organização do trabalho, quanto em decorrência do desenvolvimento de novas tecnologias. Foram esses constantes avanços tecnológicos que causaram uma inflexão na perspectiva de crescimento ilimitado da sociedade capitalista, já na década de 60.

Constata-se, então, uma enorme preocupação com os efeitos da substituição da força de trabalho pela automação computadorizada nos processos de produção industrial. Nessa época, o eixo da discussão sobre o trabalho é a dicotomia homem-máquina, e não o significado do trabalho para a vida humana; o foco das atenções é a preocupação com o desemprego tecnológico.

Alguns argumentos defendiam que o aumento de produção via aumento de produtividade resultaria no crescimento dos níveis de emprego, no mesmo ritmo. Acreditava-se, mais uma vez, que a crise era cíclica e não se discutia os limites desse crescimento.

O mito da sociedade da informação surge nessa época quando demandaram empregos agradáveis, renda e lazer para gastá-la. O *know-how* técnico e gerencial representa o capital estratégico dessa sociedade.

No entanto, um aspecto substantivo fundamental não foi privilegiado nessa concepção: o avanço tecnológico trouxe consigo uma crise de significados e valores, tão séria quanto as crises mais óbvias de deterioração do meio ambiente global, dos confrontos com armas nucleares e da miséria na população do hemisfério sul. O dilema da natureza do trabalho não seria resolvido, ainda, pela sociedade da informação.



Numa sociedade tecnologicamente avançada, o emprego existe, antes de mais nada, para o autodesenvolvimento. Esse desenvolvimento implica tudo o que enriquece o indivíduo, do pessoal ao profissional. Nesse sentido, como o desejo de criar é inerente à natureza humana, se a criatividade for associada a um ambiente de liberdade poderá constituir o significado central da vida no trabalho. Até um certo período da história, o trabalho não se dissociava de uma atividade lúdica e também de importância evidente e clara na vida do homem. Um dos grandes desserviços do paradigma moderno foi ter deturpado esse anseio criativo, convencendo-nos que, na realidade, a principal motivação do trabalhador era econômico-financeira.

Qual será o projeto de uma sociedade que não mais eleja a produção e o consumo econômico como foco central? Certamente as profundas transformações que estão ocorrendo, e que são absorvidas e explicadas de diferentes modos, hão de levar a uma redefinição do conceito de trabalho que privilegie a natureza humana.

Nessa reconceitualização, o trabalho criativo, enquanto espaço articulado para conter a diversidade, aparece como alternativa que contempla os aspectos objetivos e subjetivos, fundados numa ética que leva à realização pessoal.

A ÉTICA NO TRABALHO

A filosofia moral ou, simplesmente, a ética surge no contexto social de repente, quando a convivência torna-se difícil, em função de situações que demandam consenso no entendimento humano e diferenças entre escalas de valores.

Sua origem remonta à Grécia antiga, onde, sob a forma de tragédia, permitia a reflexão sobre conflitos morais. *Antígona*, de Sófocles¹⁰, é a mais autêntica prova de vinculação entre crise e ética. A obra refere-se ao drama que envolveu Creonte, usurpador do trono de Tebas, seus sobrinhos, filhos de Édipo, que agiram segundo diferentes escalas de valores

10. FREITAG, Barbara. *Itinerários de Antígona — a questão da moralidade*. Campinas: Papirus, 1992.

Nessa reconceituação, o trabalho criativo, enquanto espaço articulado para conter a diversidade, aparece como alternativa que contempla os aspectos objetivos e subjetivos, fundados numa ética que leva à realização pessoal.

e, no confronto, comprometeram o bem maior, ou seja, a vida uns dos outros. Já a ética de Aristóteles era elitista porque os filósofos, da mesma forma que os dramaturgos, defendiam uma moralidade aristocrática, específica para cada estrato da sociedade hierarquizada, excluindo dessa reflexão os escravos.

É no século das luzes que a ética perde sua dimensão dramatúrgica e penetra o mundo do trabalho, principalmente com Rousseau e Kant que, com seus ideais iluministas, romperam os limites das estruturas vigentes: desrespeitaram as hierarquias feudais de então e postularam a igualdade entre os homens, incorporando nessa categoria os escravos.

Esse salto para o século XVIII mostra que, em cada ruptura histórica, a ética assume seu lugar, tendo em vista a necessidade de revisar valores, que começa a se fazer presente.

Recentemente, quando acabou toda uma era, o final do socialismo trouxe uma grande crise, não só para o sistema perdedor, mas também para o pretense ganhador, pois havia indícios de que fundamentos sociais de ambos os sistemas precisam ser reavaliados.

A ética que permeou o pensamento econômico nos últimos tempos foi, em muitas circunstâncias, desvirtuada em seus fundamentos. Haja vista a contribuição de Adam Smith¹¹ que, além de fundar a escola clássica da economia, desenvolveu uma teoria dos sentimentos morais, discutindo as forças éticas que unem as pessoas em uma sociedade viável. Nessa teoria, pro-

curou reconciliar o indivíduo com o interesse social, mediante os princípios da harmonia natural e da liberdade natural do indivíduo ou de direito à justiça. A proposta de Smith para a ordem econômica de produção, de sentido liberal, acreditava na prudência — a reta razão ou *Phrónesis*, que acompanha a definição de virtude em Aristóteles — com igualdade, liberdade e justiça, permitindo ao homem seguir seu próprio interesse, sem privilégios ou restrições extraordinárias por parte do governo. Segundo sua ética, derrubou um preconceito da época, quando propôs o equilíbrio entre as relações dos habitantes do campo com os da cidade, tornando profícua a classe improdutiva (artífices, manufatureiros e comerciantes). Essa argumentação justifica a valorização do homem através da revalorização do trabalho, bem como suas advertências às autoridades governamentais, a respeito da liberdade individual e da adoção de estratégias de ação de governo com maior prudência e justiça social.

Prudência e justiça são virtudes éticas — hábitos de eleição preferencial do sentimento humano — que parecem não ter marcado presença no mundo capitalista, que desvirtuou inclusive a razão utilitária de Mill, que propagava o bem-estar para o maior número de pessoas e a negação do trabalho como sendo a essência supra-histórica do homem. O acúmulo de riqueza e os interesses econômicos e políticos predominaram, e a razão priorizou o dinheiro e o poder. Mesmo no socialismo real, o *éthos* protestante, declarado por Weber como característica constitutiva ideológica e histórica do capitalismo, foi posto em prática com mais fervor e rigor no movimento operário e nas formações sociais. A liberdade no trabalho abstrato, desvinculado de conteúdos sensíveis, tornou-se irrelevante frente à criação fetichista da motivação do antigo protestantismo.

A depressão dos anos 30 trouxe consigo um ataque de pessimismo econômico e desânimo, face às rápidas mudanças e à incapacidade para enfrentá-las ou assimilá-las. Surge então Keynes, que dizia serem os males da época frutos do risco, da incerteza e da ignorância¹².

Examinando o passado e o presente,

11. SMITH, Adam. *Riqueza das nações — uma investigação sobre a natureza das causas*. São Paulo: Hemus, 1981.

12. KEYNES, John Maynard. *Essays in persuasion*. London: Macmillan, 1933, v. 2, p. 358-73.

Keynes fez projeções para o futuro em termos de possibilidades econômicas, mas, para tanto, precisavam ser combatidos os dois tipos de pessimismo que dominavam o comportamento humano da época. Eram eles:

- o dos revolucionários, para os quais tudo estava tão mal que nada poderia salvá-los, senão uma mudança violenta;
- o dos revolucionários, que consideravam o equilíbrio econômico-social tão precário que não era possível arriscar nenhuma experiência.

Para reverter esse quadro, Keynes sugeriu que o homem deveria assumir uma posição mais digna, de fim em si mesmo. Ele defendeu o direito natural ao trabalho através da economia de pleno emprego; entretanto, dizia também que o acúmulo de riqueza, com o passar do tempo, não apresentaria mais importância social. Uma outra previsão originária desse estudo foi a de que haveria grandes mudanças no código moral e uma reavaliação do motivo-dinheiro. Essa nova ordem econômico-social seria assimilada gradativamente, a começar por aquelas pessoas que cultivam com perfeição a arte de viver. No que se refere ao trabalho em si, seria uma espécie de resgate da razão substantiva a substituir a funcionalidade.

Entretanto, com os resultados obtidos pelos avanços científicos e tecnológicos que o sucederam, suas previsões não só deixaram de acontecer, como o homem continuou fazendo o mais produtivo, o mais rentável e o novo, sem sequer reconhecer seus direitos e responsabilidades como cidadão.

Apesar da crise do keynesianismo e da hegemonia do lucro sobre outros valores, há quem ratifique essa ordem prevista, talvez tardia, na qual o motor do mundo será a subjetividade e não a economia. Guattari¹³ é o pensador francês que reconhece ser este um período social caótico, mas democrático e, por isso, portador de outro tipo de ordem potencial. O que significa dizer: no caos formado pela atual crise mundial, está o embrião de um movimento empreendedor que conceberá uma organização fundamentada em dois tipos dis-

tintos de valores: os humanos e os sociais.

Essa dicotomia nos remete à Grécia antiga, à reflexão sobre valores da casa *versus* valores da *pólis*, que é retomada, depois de Kant, por Hegel em seus questionamentos referentes à moralidade do homem e à ética do cidadão. Essa mesma linha teórica é seguida por Habermas¹⁴, um filósofo contemporâneo, com uma proposta chamada Ação Comunicativa. Segundo o autor, os problemas da sociedade localizam-se em dois mundos de ações distintas: o sistêmico e o vivido.

O mundo sistêmico compreende os subsistemas econômico e político, cujas linguagens foram substituídas pelo dinheiro e pelo poder, respectivamente. Esse mundo é o domínio da ação instrumental, enquanto o mundo vivido é o domínio da ação comunicativa, o espaço da linguagem, ou seja, o lugar do entendimento humano. Esses mundos se interpenetram, sendo que o primeiro procura colonizar o segundo, numa relação que representa uma das patologias da modernidade.

Essa ética discursiva é produto da consolidação de várias éticas e segue o princípio da universalidade — a participação de todos. O diálogo assume fundamental importância e pressupõe locutores competentes. Isso requer uma longa aprendizagem e um exercício prático constante até a formação de um hábito bom, porque só a ação decorrente de um hábito bom é virtuosa e não é a virtude, senão, a tão sonhada excelência...

Filosofar é, sobretudo, buscar a verdade dos fatos. No contexto atual do mundo do trabalho, é fundamental redefinir valores através da linguagem e do entendimento (em Administração, leia-se: conhecimento, criatividade, comunicação e participação acessíveis a todos) para então, chegar a outro tipo de acordo ético e, conseqüentemente, à concepção de um novo homem e à fundamentação de uma sociedade melhor. Essa solução merece, certamente, uma pausa para reflexão, porque pode ser mais econômico assumir a mudança de paradigma, do que investir em modismos e soluções mágicas. □



0950103

13. GUATTARI, Felix. A subjetividade é muito mais importante do que a economia. *Ecologia & Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, set. 1992, p. 8-10, (suplemento).

14. HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.